

ARLEQUIM, ARLEQUIM

Jussara Santos

Era manhã e a pesada chuva da madrugada caía com certa leveza agora. Encostada no parapeito a moça ouvia a última estação. O cabelo despenteado, a blusa de lã dois números acima do seu e a lâmina.

As compras feitas no meio da semana estavam sobre a mesa ainda, além dos farelos de pão e a xícara suja de café.

De todas as estações preferia a que terminara de tocar, pois lembrava-lhe sua última tentativa: cheia de certeza correu para o banheiro, abriu o armário, pegou a lâmina e com o braço esquerdo estendido e o direito com ares de carrasco, virou o rosto.

No teatro vazio, ela espectadora e atriz a imaginar aquele banheiro avermelhando-se. Como limparia tudo aquilo depois?

Desistiu.

Ela ainda não estava preparada para morrer.

Mas hoje não. Hoje a certeza era outra. Ela apenas não tinha pressa, tinha todo o tempo daquele dia.

Encostada no parapeito, observa a vida lá embaixo.

Muda de posição, equilíbrio.

Do andar de cima um gato a observa.

O gato pula para o parapeito, ela pula para a rua.

A lâmina dançando ao sabor do vento, a blusa de lã dois números acima do seu. Ela sobrevoando a cidade.

A manhã escurecendo e o frio na espinha dorsal dessa manhã. Quem estaria preparado para morrer?

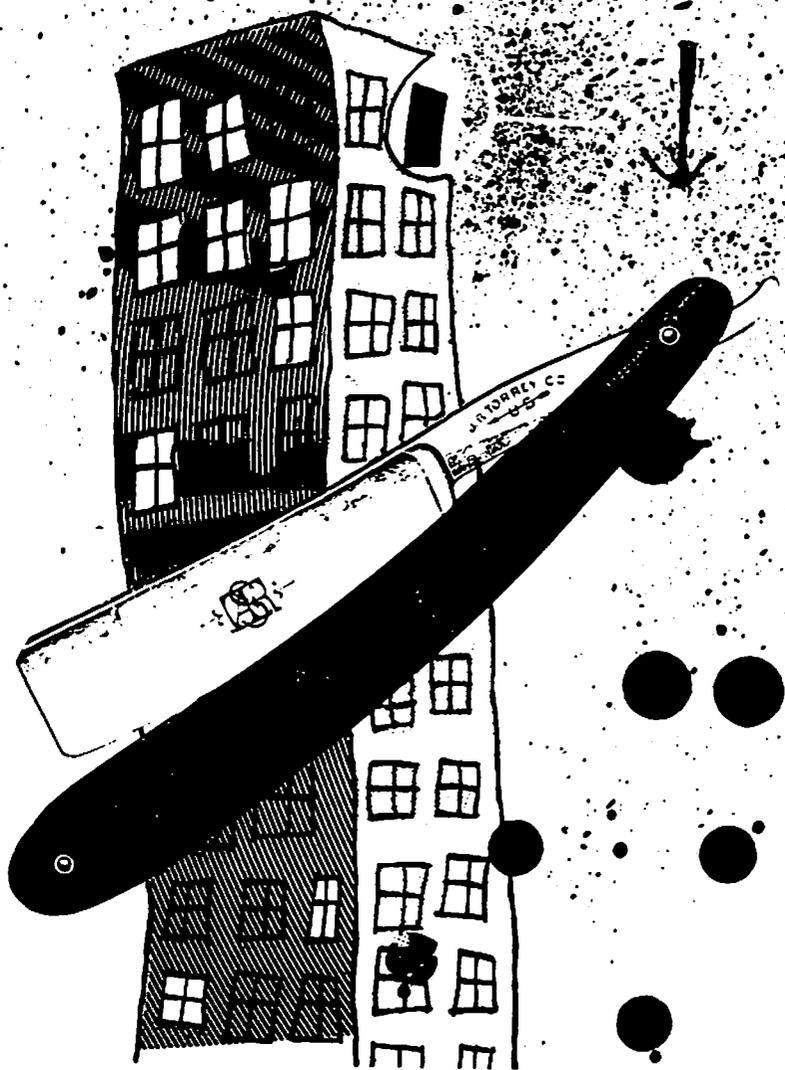


Ilustração: Walfredo Macedo Veiga Júnior